

O Hóspede de Job

Renato Jobim

2 — DC² — Domingo, 31 de outubro de 1965

SETE anos atrás, escrevi para este jornal um "review" do romance de José Carlos Pires, "O Anjo Acorado". Não vou repetir ao leitor de agora os conceitos então emitidos, para não maçá-lo com coisas passadas e gastar o espaço desta coluna com um livro que fez merecido sucesso à época em que foi editado (obteve uma 2ª edição hoje esgotada) e por isso já se incorporou como um ponto alto na bibliografia do jovem escritor português. Baste o registro de que surpreendeu agradavelmente este leitor compelido, por força de sua função, a ler de tudo que lhe cai às mãos, daí quase submergido em mediocridade e ansioso, como um naufrago de encontrar a tábua de salvação de uma obra incomum.

Tanto mais agradável foi a surpresa quando sabia, o leitor, que a literatura portuguesa contemporânea atravessa uma crise de valores decorrente, em parte, de fatores extraliterários, a que não está alheia a conjuntura política em Portugal. Crise que se reflete inclusive na falta de condições para o surgimento de novas "Farpas" consequentemente de críticos brilhantes do seu tempo, como os "Vencidos da Vida". O romance de costumes muito explicitamente entrou em recessos. Com ele os demais gêneros explicadores da problemática social, para não dizer o próprio espírito não-conformista das novas gerações. Daí o interesse crescente dos escritores moços em Portugal, pelos temas filosóficos, mormente a metafísica — transferência em suma de certas preocupações que por essa via desagüam e consolam.

Em parte reiteremos, se deve atribuir a crise a fatores extraliterários. Mas não se obscureça o elemento universal dessa crise, tão sentida na poesia quanto na ficção e que consiste no cíclico impasse do esgotamento das fórmulas. Responsável, por exemplo, pela atual fase desesperada do experimentalismo de um Michel Butor na França que o levou a estender o conceito de romance à fronteira do ininteligível no seu recentíssimo "6.810.000 Litres D'eau par Seconde" tributo "sui-generis" ao colosso da Niágara. Que nos trará de verdadeiramente revolucionário o decantado movimento pendular das idéias, na literatura? Quando deixarão os romancistas de apresentar o "deja vu" com adaptações superficiais, que nada lhe acrescentam em substância? Por outro lado, os efetivos renovadores como o nosso Guimarães Rosa, que parecem ter chegado ao-máximo das possibilidades inventivas da frase como evitarão repetir-se de agora em diante? Há um quê de impertinência nessas perguntas, todavia inevitáveis. Claro que a dificuldade não está em propô-las, mas em respondê-las. E o rigor da expectativa se justifica; pede-se muito para que a safra seja ao menos razoável.

A leitura perfunctória de "O Hóspede de Job" (Editora Arcádia), deixaria a vaga impressão de que esse romance não difere, no estilo e na temática, da maioria dos romances escritos, digamos, nos últimos vinte anos em Portugal. É que a tradição da prosa de ficção rigorosamente artística, integrada por um Camilo Eça, Aquilino, Torga, para só aflorarmos a área dos luminares, vem predominando nas letras portuguesas. Para

nós, brasileiros acostumados à prosa descuidada dos nossos romancistas de costumes, do modernismo até hoje (notadamente os da fértil linhagem regionalista), aquela linguagem gramaticalmente apurada dos lusitanos, mais o sabor classicizante das narrativas e o farto emprêgo de idiotismos localistas ou não, constituem atrativos especiais de leitura. Somos tentados a acreditar que todo romancista português é antes de tudo um artista da palavra... por oposição aos nossos incultos e telúricamente pujantes Jorges Amados.

Ocorre que Cardoso Pires não pode, em sua consciência, ser confundido com este ou aquele confrade explorador do gênero. Ele pertence à categoria por assim dizer indefinível dos escritores cuja contribuição de originalidade é maior e mais saliente que as influências porventura detectadas no que escrevem. Indefinível insistimos, porque não se pode, a rigor, precisar em que termos se equaciona essa originalidade, embora se consiga medir o grau das influências experimentadas. Baste a descoberta, sem descida a pormenores, de que Cardoso Pires não se pautia pelos chavões de uma vistosa e vazia literatura de repetição, mas procurou o seu próprio caminho — e encontrou-o, já em meio da elaboração dos sete volumes que hoje, constituem sua respeitável bibliografia. Na base dessa prosa, a assimilação da técnica dos modernos contistas norte-americanos — fenômeno que tem marcado até os romances do autor, permitindo entreverem-se em tais páginas por vèzes perfazendo um capítulo verdadeiros contos autônomos do contexto romanesco. Aí não é original nem podia sê-lo. Como processo de elaboração do romance ele junta episódios afins mas não necessariamente entrosados, e costura assim o entrelhecho, com uma sutil moralidade, conjunta e final. "O Hóspede de Job" está cheio dessas historietas alegóricas, extraídas do cavaco de recusas amodorrados de pausas em exercícios militares, da caminhada de dois labregos amigos, do interlúdio de um deles que teve a perna amputada em virtude de um tiro perdido da detenção de uma jovem por causa dos protestos das mulheres de uma vila, querendo pão para casa e trabalho para os maridos etc.

É possível e mesmo indispensável, tirar conclusões de conjunto sobre tais acontecimentos. Cardoso Pires não as tira declaradamente, deixando ao leitor o esforço nesse sentido. É bom que assim seja: obriga-o a participar do relato, ao mesmo tempo que não abastarda a obra de ficção ao plano do panfleto. Deste modo, ao Sul no lugar das Cidades onde as mulheres haviam marchado sobre a vila em protesto, identifica-se o núcleo simbólico de resistência popular à prepotência policial, mais dramaticamente representada na figura frágil da prisioneira Floripes, submetida a interrogatórios; na provação de João Portela o amputado, descobri-se talvez "o hóspede de Job" atingido pela desgraça sem saber por quê colhido pela roda impiedosa do "sistema" contudo tratado com o zelo profissional que os integrantes desse "sistema" dedicam impessoalmente aos indivíduos por ele vitimados.

Tais interpretações, e outras que se façam, só são válidas na medida em que refletem determinada posição face à vida portuguesa. Não exprimem a posição particular de José Cardoso Pires, que alerta em postácio ao livro não visar este, a preocupação documental. Espera que seja "uma história de proveito e exemplo", destinada a ilustrar "uma legenda, uma moral ou um clima humano, para lá de qualquer imediatismo de tempo e de lugar histórico". Advertência que não impede ao leitor de a seu talante dar nome aos bois, ou no mínimo dedicar-se ao humor negro de descobrir a que bois cabe dar nomes específicos, levando em conta as circunstâncias políticas do país onde se desenrola a história.